



# CASAMENTO, DIVÓRCIO E NOVO CASAMENTO NA IGREJA ORTODOXA

Por Dom Athenagoras<sup>1</sup>

Metropolita da Bélgica – Patriarcado Ecumênico

## ***INTRODUÇÃO***

Muitas vezes, as pessoas se perguntam qual é a posição da Ortodoxia sobre o casamento. A resposta a essa indagação deve ser procurada no ensino Ortodoxo a respeito do mistério – ou sacramento – do matrimônio. Sabemos que também a Igreja Católica Romana considera o matrimônio como um sacramento. Há aqui, porém, uma diferença muito importante a ser esclarecida. Em primeiro lugar, a Igreja Católica Romana considera que a noiva e o noivo executam, por si próprios, o matrimônio, aquando dos seus votos um para o outro. Já na Igreja Ortodoxa, é o sacerdote ou o bispo que consagra o casamento, que invoca a Deus em nome da comunidade e pede que o Espírito Santo seja enviado (*epiclesis*) sobre o homem e a mulher e assim os faça «uma só carne». Além disso, o matrimônio é, para a Igreja Ortodoxa, muito mais um caminho espiritual, uma busca de

Deus, o mistério da unidade e do amor, o retrato preparatório do Reino de Deus, do que uma necessidade de reprodução.

## ***O CASAMENTO CRISTÃO: MISTÉRIO – SACRAMENTO<sup>2</sup>***

O matrimônio é um mistério – ou sacramento – que foi instituído com a bênção de Deus durante a criação. O povo escolhido entendeu-o, então, como um mistério que teve o seu início aquando da criação divina. Tal foi confirmado por Cristo, quando disse: «Mas no princípio da criação Deus ‘fê-los homem e mulher’. ‘Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois tornar-se-ão uma só carne» (Mc 10:6-8).

De acordo com as Sagradas Escrituras, o casamento é construído sobre:

- a) A distinção, aquando da criação do ser humano, entre homem e mulher (“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” – Gn:1,27);
- b) A criação da mulher a partir da costela de Adão (Gn 2:21-24);
- c) A bênção de Deus sobre os primeiros seres humanos criados com as palavras: “Frutificai e multiplicai-vos” (Gn 1:27-28).

Esses três elementos fazem do casamento uma *praxis* espiritual por excelência, não só devido à simples aliança entre duas pessoas, mas, especialmente, devido ao fato de ser uma expressão da vontade de Deus. O pacto natural do matrimônio torna-se, assim, uma aliança divina, daí o seu caráter plenamente místico, o qual a Igreja enfatiza. O principal e, portanto, o elemento essencial do matrimônio é a união de cada pessoa com uma única pessoa do sexo oposto. Embora nem sempre observado na prática, esse elemento do matrimônio – uma única pessoa – mantém-se mesmo depois da queda dos primeiros seres humanos criados no Antigo Testamento<sup>3</sup>, tendo sido confirmado pelo ensinamento de Cristo sobre o casamento, por assumir uma semelhança com a relação entre Deus e o povo escolhido.

Aliás, foi São Paulo o primeiro a compreender a essência do ensinamento de Cristo sobre o casamento e a sua santidade, tendo-o descrito como «um grande mistério em Cristo e na Igreja» (Ef 5:32). Essa definição significa, segundo São Paulo, que o vínculo espiritual do amor, do compromisso e da submissão recíproca dos parceiros – que é o vínculo da sua completa unidade – só existe quando se conforma ao amor de Cristo pela Sua Igreja (Ef 5:22-33). A relação dos parceiros a partir do matrimônio é, noutras palavras, tão essencial, intensa e espiritual, como a relação existente entre Cristo e a Igreja<sup>4</sup>. Ora, a união da Igreja – enquanto comunidade dos batizados – com Cristo, bem como a sua manutenção, realiza-se através do sacramento da Divina Eucaristia. Esse é o centro de todos os sacramentos e coloca a humanidade sob uma perspectiva escatológica. Desse modo, o matrimônio «transfigura» a unidade do homem e da mulher numa nova realidade, isto é, visto sob a perspectiva da vida em Cristo<sup>5</sup>. Foi por isso que São Paulo não hesitou

em chamar a esse passo decisivo da existência humana de «mistério» – ou sacramento – à imagem de Cristo e da sua Igreja.

Essa é a única razão pela qual um matrimônio verdadeiramente cristão pode ser único, «porque é um Mistério do Reino de Deus, que introduz a humanidade na alegria e no amor eterno»<sup>6</sup>. Essa unidade – realizada com o sacramento do matrimônio – não é uma ação unilateral da Igreja. Afinal, o homem não é chamado a participar de forma passiva na graça de Deus, mas sim como um colaborador. E mesmo quando o homem se torna um colaborador, ele permanece sujeito à fraqueza e à pecaminosidade da existência humana.

Sob essa luz, até mesmo a reprodução (1Tm 2:15) é vista como uma cooperação do homem com a criação. O mistério – ou sacramento – do matrimônio torna-se imediatamente relacionado com o mistério da vida, do nascimento das almas humanas, da imortalidade e da sua morte.

## ***O PROPÓSITO DO CASAMENTO***

Aqui, torna-se evidente que a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa diferem na compreensão do propósito do casamento. No pensamento teológico Ortodoxo, o matrimônio é, em primeiro lugar, o amor recíproco, a relação e a ajuda entre os cônjuges com vista à sua plenitude em Cristo. Somente depois, vem a restrição da sua paixão sexual<sup>7</sup> e a reprodução do gênero humano<sup>8</sup>. É notável que, no Novo Testamento, não encontremos nenhuma referência relativa ao matrimônio no que diz respeito à reprodução. Na Igreja Católica Romana, é evidente que a finalidade do matrimônio é a «procriação» ou a reprodução. Entender a reprodução como o principal objetivo do casamento é uma perspectiva redutora da vida conjugal do homem e da mulher. Que valor tem a relação sexual entre um homem e uma mulher em caso de esterilidade ou após a menopausa, ou se a mulher for medicamente incapaz de ter mais filhos? É certo que o casal tem precedência sobre a família, por mais louvável que seja o propósito dessa<sup>9</sup>. A história do estabelecimento do casamento encontra-se no segundo capítulo do livro do Gênesis, que trata do fato de que «deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e serão ambos uma carne» (Gn 2:24), sem mencionar a reprodução. São João Crisóstomo referiu-se a isso: «Há duas razões pelas quais o casamento foi estabelecido (...) para fazer com que o homem ficasse satisfeito com uma só esposa e para lhe dar filhos, mas o primeiro é o mais importante (...) Quanto à reprodução, o casamento não inclui necessariamente isso (...) a prova está nos muitos casamentos nos quais não é possível ter filhos. É por isso que a razão principal do casamento é regular a vida sexual, especialmente agora que o gênero humano já povoou o mundo inteiro»<sup>10</sup>.

## ***CASAMENTO COMO IGREJA DOMÉSTICA***

Os Padres da Igreja disseram-no caracteristicamente: «Onde está Cristo, ali está a Igreja», o que demonstra que a relação matrimonial tem um caráter eclesial. Foi por isso que São Paulo mencionou a «igreja que se reúne na sua casa» (Rm 16:5) e São João

Crisóstomo se referiu à «pequena Igreja»<sup>11</sup>. Em Caná da Galileia, Jesus «revelou a sua glória» (Jo 2:11) no seio de uma «igreja doméstica». Paul Evdokimov afirmou que «esse casamento, por assim dizer, é o casamento do casal nupcial com Cristo. É Ele quem conduz e – segundo os Padres da Igreja – o faz em todos os casamentos cristãos»<sup>12</sup>. O amor recíproco entre o homem e a mulher é um amor que está em comunhão com Deus. Assim, cada momento da sua vida torna-se uma glorificação de Deus, pois como dizia São João Crisóstomo: «O matrimônio é um ícone místico da Igreja»<sup>13</sup>.

## ***SANTIDADE E INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO***

Já dissemos que o casamento, na sua forma mais pura, é uma ordem natural de acordo com a intenção divina. É a base da família, que é a comunidade onde os sentimentos mais nobres do homem são capazes de se desenvolver. O matrimônio é, na sua essência, uma instituição santa e a sua santidade foi selada por meio da Igreja, que o vê como uma instituição e um mistério divinos<sup>14</sup>. Não são, portanto, o acordo e o livre arbítrio dos cônjuges que estabelecem o matrimônio, mas é a graça de Deus, em particular, que é essencial e essa é dada através da aprovação da Igreja, na pessoa do bispo<sup>15</sup>.

A doutrina sobre a indissolubilidade do casamento é baseada na sua santidade a qual, juntamente com a indissolubilidade do casamento, exalta a monogamia. A esse respeito, faz-se, muitas vezes, referência ao Antigo Testamento (Ml 2:14). Mas, seja como mistério ou sacramento, o casamento cristão é, sem dúvida alguma, confrontado com o estado «decaído» da humanidade. Ele é apresentado como o ideal inalcançável. Contudo, há uma diferença distinta entre um «sacramento» e um »ideal«, pois o primeiro é »uma experiência que envolve não só o homem, mas uma experiência na qual ele age em comunhão com Deus«, na qual ele se torna um parceiro do Espírito Santo enquanto permanece humano, com as suas fraquezas e defeitos<sup>16</sup>.

A teoria da indissolubilidade do casamento tem um forte significado pedagógico. A motivação dada por Cristo é uma ordem. Aqueles que se comprometem com a aliança do matrimônio devem fazer tudo para não se separar, pois têm de agradecer a Deus pela sua unidade. Mas a motivação adicional: «Portanto, o que Deus uniu, que o homem não separe» (Mc 10:9; Mt 19:6) não significa uma aderência mágica. Em todo o mistério ou sacramento, excluindo o batismo, é necessário o exercício do livre-arbítrio do homem. A expressão «não separe» é uma exigência divina, assim como a que diz «não mate». Mas o homem é livre e pode dissolver o seu casamento e matar o seu semelhante. Em ambos os casos, porém, ele comete um pecado grave<sup>17</sup>.

A Igreja tem sido fiel, ao longo dos séculos, ao princípio mencionado por São Paulo, de que um segundo casamento é uma aberração do estatuto cristão. Neste sentido, a doutrina ortodoxa confirma não só a «indissolubilidade» do matrimônio, como, também, a sua singularidade. Todo matrimônio verdadeiro pode ser, singularmente, o «único».

## ***DIVÓRCIO***

O problema do divórcio é uma questão muito delicada, pois muitas vezes toca numa dolorosa realidade humana.

A tradição da Igreja dos primeiros séculos – que continua a ter autoridade para a Igreja Ortodoxa – dá ênfase a dois pontos, os quais encontram-se relacionados:

- a) a “singularidade” do autêntico casamento cristão;
- b) a perenidade da vida conjugal.

Podemos recordar aqui a analogia, feita por São Paulo, entre a unidade de Cristo e a sua Igreja e a unidade da noiva e o noivo. Essa analogia, que está na raiz do mistério, assume a unidade real e contínua do casal, o que exclui totalmente uma poligamia simultânea e vê um único casamento como o ideal.

O divórcio não cura o casamento doente: mata-o. Não é uma ação ou uma intervenção positiva. Trata-se de dissolver a «pequena-Igreja» que se formou através da relação matrimonial<sup>18</sup>. A Sagrada Escritura atribui o divórcio à insensibilidade do homem<sup>19</sup>. Isso é visto como uma queda e um pecado. No entanto, a Igreja Ortodoxa pode permitir o divórcio e o novo casamento com base na interpretação do que o Senhor disse em Mt 19:9: «Digo-vos que quem se divorciar da sua esposa, exceto por infidelidade conjugal, e casar com outra mulher, comete adultério.» Segundo o Bispo Kallistos Ware, o divórcio é uma ação de «economia» e uma «expressão de compaixão» da Igreja para com o homem pecador. «Uma vez que Cristo, segundo o relato do Evangelho de Mateus, permitiu uma exceção à sua regra geral sobre a indissolubilidade do casamento, a Igreja Ortodoxa também está aberta a permitir uma exceção»<sup>20</sup>.

Uma pergunta que podemos fazer-nos é se Cristo considerava o casamento como sendo indissolúvel. Precisamos ser muito claros quanto a isso: quando Cristo ensinou que o casamento não deve ser dissolvido, isso não significa que Ele estivesse a afirmar que tal não poderia vir a acontecer. A integridade da relação matrimonial pode ser maculada por comportamentos errôneos. Em outras palavras, é a ofensa que rompe o vínculo. O divórcio é, em última análise, o resultado dessa rutura. Esse é, também, o ensinamento dos Padres da Igreja Oriental, sendo que uma citação do testemunho de São Cirilo de Alexandria será suficiente para explicar aqui o nosso ponto de vista: «Não são as cartas de divórcio que dissolvem o casamento em relação a Deus, mas o comportamento errôneo»<sup>21</sup>.

A violação de uma relação matrimonial é dividida em dois grupos:

- a) as resultantes de adultério (infidelidade e comportamento imoral);
- b) as provenientes da ausência de um dos parceiros (essa ausência deve, no entanto, apresentar certas particularidades).

Segundo o espírito da Ortodoxia, a unidade do casal não pode ser mantida somente em virtude da obrigação jurídica; a unidade formal deve ser coerente com uma sinfonia interna<sup>22</sup>. O problema surge quando já não é possível salvar nada dessa sinfonia, pois, «então, o vínculo que originalmente era considerado indissolúvel já está dissolvido e a lei nada pode oferecer para substituir a graça e não pode curar nem ressuscitar, nem dizer: ‘Levanta-te e vai’»<sup>23</sup>.

A Igreja reconhece que há casos em que a vida matrimonial não possui conteúdo ou pode mesmo levar à perda da alma. São João Crisóstomo disse a esse respeito: «É melhor romper a aliança do que perder a alma»<sup>24</sup>. No entanto, a Igreja Ortodoxa vê o divórcio como uma tragédia devido à fraqueza humana e ao pecado.

## **NOVO CASAMENTO**

Apesar de a Igreja condenar o pecado, ela também deseja ser um auxílio para aqueles que sofrem, razão pela qual pode permitir um segundo casamento. Isso, certamente, acontece quando o casamento deixou de ser uma realidade. Um possível segundo matrimônio só é permitido, portanto, em razão da «fraqueza humana». Como disse São Paulo, a respeito dos não casados e das viúvas: «Se não se podem conter, devem se casar» (1Co 7:9). Tal é permitido como uma concessão pastoral no contexto da «economia», diante da fraqueza humana e do mundo corrupto em que vivemos.

Em outras palavras, existe uma estreita relação, em todas as dimensões, entre o divórcio e a possibilidade de um novo casamento. É importante aqui explicar um elemento fundamental da doutrina da Igreja Ortodoxa, a saber: que a dissolução de uma relação matrimonial não concede *ipso facto* o direito de entrar noutra casamento. Se olharmos para o tempo da Igreja primitiva, a dos primeiros séculos, teremos que concordar que ela não tinha nenhuma autoridade jurídica em relação ao casamento e, portanto, não fez nenhuma declaração sobre a sua validade. São Basílio, o Grande, por exemplo, não se referiu a uma regra, mas sim a um costume, no que diz respeito a esse problema<sup>25</sup>. Ao referir-se à situação de um homem que tenha sido traído pela esposa, ele declarou que esse homem será digno de perdão se vier a casar-se novamente. É bom lembrar que a Igreja Ortodoxa sempre teve, em geral, um sentimento de relutância em relação aos segundos casamentos. Seria completamente errado afirmar que os cristãos Ortodoxos podem casar-se duas ou três vezes!

A lei canônica Ortodoxa pode permitir um segundo e até mesmo um terceiro casamento em «economia», mas proíbe estritamente um quarto. Em teoria, o divórcio só é reconhecido em caso de adultério, mas, na prática, também é reconhecido à luz de outras razões. Há uma lista de causas de divórcio aceitáveis para a Igreja Ortodoxa. Na prática, os bispos aplicam, às vezes, a «economia» de forma liberal. A propósito, o divórcio e o novo casamento somente são permitidos no contexto da «economia», ou seja, devido a um cuidado pastoral, por compreensão da fraqueza. Um segundo ou terceiro casamento será

sempre um desvio do «casamento ideal e único», mas, muitas vezes, uma nova oportunidade<sup>26</sup> para «corrigir um erro»<sup>27</sup>.

## **ECONOMIA**

A questão surge aqui. O que é, exatamente, essa «economia»<sup>28</sup>? Em uma contribuição teológica e acadêmica, o atual Patriarca Ecumênico Bartolomeu, ainda enquanto Metropolita de Filadélfia, explicou, de forma clara e concisa, o que significa esse termo ao sugerir que, geralmente, é aceite que a economia eclesiástica é uma imagem da economia divina, do amor e da bondade. Que a economia é tão antiga quanto a própria Igreja é evidente a partir de uma leitura do Novo Testamento. Isso é muito claro, por exemplo, em At 16:3, onde lemos: «e tomando-o, circuncidou-o, por causa dos judeus que estavam naqueles lugares; porque todos sabiam que o seu pai era grego.» No entanto, a economia na Igreja Ortodoxa nunca foi definida sistemática ou oficialmente. «Trata-se de uma característica, de um verdadeiro privilégio e de um precioso tesouro da Igreja»<sup>29</sup>. Nos encontros panortodoxos do século XX, houve tentativas de dar uma definição à economia, mas, no final, isso foi abandonado, porque «a economia é algo mais experienciado do que descrito e definido (...) na Igreja Ortodoxa, na qual é um privilégio característico e antigo»<sup>30</sup>.

A questão, porém, permanece. O que é «economia»? Bem, de acordo com a lei canônica da Igreja Ortodoxa, economia é «a suspensão da aplicação absoluta e rigorosa dos cânones e regulamentos eclesiásticos no governo e na vida da Igreja, sem comprometer, subsequentemente, as limitações dogmáticas. A aplicação da economia somente pode ser feita pelas autoridades eclesiásticas oficiais e só é aplicável para um caso particular»<sup>31</sup>. Isso é permitido por razões excepcionais e severas, mas não cria precedentes. A Igreja, que continua a estender a obra redentora de Cristo pelo mundo, determinou, com base nos mandamentos do Senhor, e dos Apóstolos, uma série de cânones. Através deles, a Igreja ajuda os fiéis a alcançar a salvação. Mas deve-se notar que essas regras não são aplicadas juridicamente, pois a Igreja tem sempre em mente o que o próprio Senhor disse: «O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado» (Mc 2:27).

Um cânone é uma «regra» ou um «guia» para o culto, os sacramentos e o governo da Igreja. Há cânones determinados pelos Apóstolos, pelos Padres da Igreja, pelos Concílios locais e regionais e pelos Concílios gerais ou ecumênicos. Somente o bispo, como cabeça da Igreja local, pode aplicá-los, devendo fazê-lo de uma forma rigorosa («*akrivia*»), ou flexível («*oikonomia*»), mas a «precisão» é a norma. Uma vez passada a circunstância particular – que exigia um juízo condescendente e apaziguador – a «*akrivia*» assume, mais uma vez, toda a sua força. Não pode ocorrer que a «*oikonomia*», necessária numa situação específica, venha a tornar-se um exemplo e que seja mantida, mais tarde, como regra<sup>32</sup>. A «*oikonomia*» é, para a Igreja Ortodoxa, uma noção que não pode ser comparada à «dispensação» na Igreja Católica Romana. A dispensação é uma exceção antecipada, que prevê uma norma jurídica paralela ao regulamento oficial.

A economia é baseada no mandamento de Cristo aos seus Apóstolos: «Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados» (Jo 20:22-23) e pode ser aplicada quando a experiência do casamento humano se torna impossível, devido à morte espiritual do amor. É então que a Igreja – como Corpo de Cristo – com compreensão e compaixão e por preocupação pessoal, pode aplicar a «*oikonomia*», aceitando o divórcio e não rejeitando os fiéis pecadores humanamente fracos, nem privando-os da misericórdia de Deus e de mais graça». <sup>33</sup> É o objetivo preciso da economia que a pessoa fraca não seja irrevogavelmente banida da comunhão eclesial, segundo o exemplo de Cristo, que veio, afinal, para salvar os que estão perdidos.

## ***ACONSELHAMENTO PASTORAL***

Antes que as autoridades eclesiais reconheçam o divórcio no contexto da economia, deve ser dado o aconselhamento pastoral em todos e cada um dos casos, através do qual tenta-se reconciliar os parceiros casados. Somente quando isso não for mais possível, deve ser pedida a permissão para o novo casamento, contanto que uma forma de penitência possa ser imposta, à luz de cada caso individual. Desse modo, a Igreja Ortodoxa deve ter um ponto de vista claro sobre esse problema e os sacerdotes devem estar motivados para assumir um papel mais importante na explicação, no aconselhamento e na cura psicológica <sup>34</sup>.

### **a) Preparação para o casamento**

No seu livro »Casamento: uma perspectiva Ortodoxa«, o Padre John Meyendorff aponta para o perigo dos casamentos forçados, onde o próprio casal não tem o desejo de um compromisso positivo. Pode ter sido desejado como um acontecimento social ou o que quer que seja. Esse, e muitos outros, são problemas que o padre precisa discutir quando se encontra com o casal com a finalidade de os auxiliar na preparação para o casamento. Ele tem a responsabilidade de os ajudar a compreender o sentido e o significado do matrimônio cristão. Essa reunião não pode, de modo algum, ser – ou aparentar ser – um assunto exclusivamente administrativo, no qual muitos documentos são recolhidos com a intenção de assegurar a aprovação do bispo para a celebração do casamento. O padre deve estar alerta para garantir que não sejam consagrados casamentos nos quais o casal não aceite o seu verdadeiro significado, o que, aliás, é um problema que se encontra, com frequência, nos casamentos mistos. Por outro lado, a responsabilidade pela preparação do casamento não cabe somente ao sacerdote, mas também aos professores, aos pais e, certamente, e em primeiro lugar, aos próprios jovens noivos <sup>35</sup>.

Para que o casamento viva, e possivelmente também para sobreviver, há a necessidade de uma vida espiritual. Essa espiritualidade é vivida, primeiramente, na própria escola da Igreja, onde podemos participar, por excelência, dos dons da graça do Espírito Santo na celebração dos sacramentos. É aliás, num desses sacramentos que o homem e a mulher se tornam um só, ou «igreja-doméstica», pela graça do Espírito Santo.



«Sob a perspectiva eclesiológica e espiritual que acabamos de referir, o casamento entra numa ação dinâmica»<sup>36</sup>. O caminho percorrido é determinado, em particular, pelos próprios casais e, no entanto, eles encontram-se num mundo «de surpresas e milagres». O caminho torna-se cada vez mais estreito à medida que é percorrido lado a lado, com dois ou três filhos a acompanhar. O caminho da vida espiritual ortodoxa é «um caminho de liturgia, mística, ascese e escatologia»<sup>37</sup>. É a vida da – e na – Igreja, que dá ao casal e a toda a família uma outra dimensão, uma outra perspectiva da vida e dos problemas que terão de enfrentar.

É muito importante que a Igreja providencie a reflexão correta de tudo o que diz respeito ao matrimônio e à família, bem como do seu valor a partir da perspectiva da fé, especialmente para os jovens e futuros casais de noivos e os seus pais. Em muitas dioceses da Igreja Ortodoxa da Grécia, por exemplo, existem «escolas para os pais», nas quais se dá uma atenção específica à preparação dos filhos para o matrimônio. Isso também é possível através de uma conversa sobre o tema<sup>38</sup>.

[b. ...]

### **c) Abordagem pastoral do problema do divórcio**

A comunidade eclesial precisa estar vigilante e dar atenção suficiente aos casais e famílias que tenham sido afetados e incapacitados pelo divórcio. O parceiro casado que foi abandonado pelo outro parceiro encontra-se numa situação de desânimo e solidão. O destino dos filhos é muitas vezes ainda pior. Devido à experiência pastoral, sabemos que a assistência social e psicológica é insuficiente. Eles precisam de ser fortalecidos através de uma abordagem «espiritual e pastoral», a qual, espera-se, volte a dar sentido e significado às suas vidas.

A Igreja, como comunidade, pode continuar a envolvê-los nos encontros litúrgicos. É evidente que uma comissão de amor discreta<sup>39</sup> é reservada a cada cristão em relação àqueles que estão divorciados. Também isso é coerente com o que São João Crisóstomo chamou de «o sacramento do irmão». É preciso, certamente, evitar julgar ou condenar o irmão ou a irmã.

## **CONCLUSÃO**

Pelo que foi dito, temos em mente que o casamento é um sacramento ou mistério, porque é uma experiência viva do Reino de Deus. É uma entrada para uma nova vida, um crescimento em comum no Espírito Santo. Essa nova vida é como um dom, não como uma obrigação. O homem é livre para nela entrar ou não por essa porta. Mas essa nova vida só terá sentido se ela realmente levar à entrada na vida sacramental da Igreja. O matrimônio atinge a sua perfeição quando o casal participa regularmente na Eucaristia, no Corpo de Cristo. Desse modo, o matrimônio ganha um caráter santificador. Essa santidade do matrimônio deve, porém, ser protegida por certos cânones, não porque seja esse o espírito

da Igreja, mas para demonstrar o ideal para os cristãos. A doutrina cristã do matrimônio é uma «responsabilidade jubilosa»<sup>40</sup>. Ela demonstra o que significa ser verdadeiramente humano, pois é através do casamento que se recebe a alegria de dar a vida, à imagem do Criador.

Quanto à perspectiva ortodoxa acerca do delicado e problemático tema do divórcio e de um possível novo casamento, é preciso dizer que ela está impregnada de sabedoria, confirmando o valor fundamental do casamento cristão firme e único, o que não significa que essa firmeza deva ser vista, em todas as circunstâncias da vida, como a preservação absolutamente irrevogável de uma afirmação jurídica. A Igreja Ortodoxa não quer fechar, inexoravelmente, a porta da misericórdia, mas mantém-se firme no ensinamento do Novo Testamento<sup>41</sup>.

---

Fonte em inglês: Trad. Portuguesa por [Skemmata](#)

Redação final: Gabriela Mota

## NOTAS

---

<sup>1</sup> D. Athenagoras Peckstadt é Metropolita da Arquidiocese Ortodoxa da Bélgica e Exarca da Holanda e Luxemburgo (Patriarca Ecumênico de Constantinopla). Estudou Teologia na Universidade Aristotélica de Tessalônica e no Instituto Ecumênico de Bossey, em Genebra.

<sup>2</sup> Em grego, o mistério tem o significado de sacramento.

<sup>3</sup> É bom lembrar aqui que, na história da criação, a monogamia é assumida como a norma.

<sup>4</sup> O apóstolo Paulo vê, portanto, o paralelo entre a relação conjugal do homem e da mulher e a unidade entre a noiva, a Igreja e o noivo, Cristo. Isso não é apenas um quadro descritivo, mas também uma explicação da unicidade real e essencial no sacramento do matrimônio. Ver N. Matsoukas, *Dogmatic and symbolic theology*, Thessalonica, 1988, pp. 496-497 (em grego).

<sup>5</sup> G. Mantzaridis, *Christian Ethics*, Thessalonica, 1995, p. 321 (em grego).

<sup>6</sup> J. Meyendorff, *Marriage: an orthodox perspective*, Nova Iorque, 1975, p.21.

<sup>7</sup> A unidade física – na qual o apóstolo Paulo diz que eles são «templos do Espírito Santo – é muito mais do que o simples prazer ou um remédio para o impulso sexual» Veja Ign. Peckstadt, em *Het huwelijk orthodox em Een open venster op de Orthodoxe Kerk* (*The orthodox marriage in an open window on the Orthodox Church*), Averbode, 2005.

<sup>8</sup> Ch. Catzopoulos, *The holy sacrament of marriage – mixed marriages*, Atenas, 1990, p.39 (em grego). Ver também Ch. Vantsos, *Marriage and her preparation from an orthodox pastoral view of an orthodox*, Atenas, 1977, pp.83-99 (em grego).

<sup>9</sup> Ign. Peckstadt, *Het orthodox huwelijk in Een open venster op de Orthodoxe Kerk*, (*The orthodox marriage in an open window on the Orthodox Church*), Averbode, 2005.

<sup>10</sup> Discurso sobre o casamento. Ver P. Evdokimov, *Le sacerdoce conjugal – essai de théologie orthodoxe du mariage*, in *Le mariage – églises en dialogue*, (*The conjugal priesthood – essay on the orthodox theology of marriage, in the marriage – churches and dialogue*), Paris, 1966, p. 94.

<sup>11</sup> Homilies 20 on Ephesians; P.G., 62, 143.

<sup>12</sup> P. Evdokimov, *Sacrement de l'amour – le mystère conjugal à la manière de la tradition orthodoxe*, (*Sacramento do amor – o mistério conjugal segundo a tradição ortodoxa*), Paris, 1962, p. 170.

<sup>13</sup> P.G. 62, 387.

<sup>14</sup> P. Rodopoulos (Metropolita), *Lições de direito canônico*, Tessalônica, 1993, p. 216 (em grego).

<sup>15</sup> Santo Inácio de Antioquia disse, na sua carta a Policarpo: «Os homens e mulheres que se casarem, devem entrar na sua unidade com a aprovação do bispo», ver Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, *Cartas*, em col. Fontes Chrétiennes, (Christian Sources) Paris, 1958, p. 177 (A Polycarpe V, 2).

<sup>16</sup> Meyendorff, *Marriage: an orthodox perspective*, New York, 1975, p. 21.

- 
- <sup>17</sup> N. Matsoukas, *Dogmatic and symbolic theology*, Thessalonica, 1988, p. 497 (in Greek).
- <sup>18</sup> G. Patronos, *Marriage in theology and in life*, Athens, 1981, p.119 (in Greek).
- <sup>19</sup> «Moses permitted you to divorce your wives because your hearts were hard. But it was not this way from the beginning» (Mt 19, 8).
- <sup>20</sup> T. Ware (Bishop Kallistos), *L'Orthodoxie — l'Eglise des sept conciles*, Paris 1997, pp. 380-381.
- <sup>21</sup> P.G. 72, 380 D.
- <sup>22</sup> Ver P. L'Huillier (Archbishop), *Le divorce selon la théologie et le droit canonique de l'Eglise orthodoxe*, in *Messenger de l'Exarchat du Patriarcat Russe en Europe occidentale* (no 65), Paris, 1969, pp. 25-36.
- <sup>23</sup> P. Evdokimov, *Sacrement de l'amour — le mystère conjugal à la manière de la tradition orthodoxe*, Paris, 1962, p. 264.
- <sup>24</sup> P.G. 61, 155.
- <sup>25</sup> P. L'Huillier (Archbishop), *Les sources canoniques de saint Basile*, in *Messenger de l'Exarchat du Patriarcat Russe en Europe occidentale* (no 44), Paris, 1963, pp. 210-217.
- <sup>26</sup> O Padre Meyendorff explicou, a esse respeito, que «a Igreja não 'reconheceu' nem 'concedeu' o divórcio. Ele é visto como um grande pecado, mas a Igreja nunca deixou de oferecer aos pecadores uma 'nova oportunidade', estando sempre preparada para recebê-los novamente, desde que fossem penitentes». Ver J. Meyendorff, *Marriage: an orthodox perspective*, Nova Iorque, 1975, p. 64.
- <sup>27</sup> Ign. Peckstadt, *Het orthodox huwelijk in Een open venster op de Orthodoxe Kerk*, (*The orthodox marriage in an open window on the Orthodox Church*), Averbode, 2005.
- <sup>28</sup> Encontra-se o termo «economia» ou «oikonomia» – como entendido aqui – no Novo Testamento e nos textos dos Santos Padres e dos autores da Igreja. Ainda que não se encontre um escrito sistemático sobre esse tema por parte dos Santos Padres, o termo foi utilizado por eles, com frequência, no sentido de um desvio da precisão da regra. Ver P. Rodopoulos (Metropolita), *Introdução aos temas do quinto Congresso Internacional da Sociedade de Direito das Igrejas Orientais – I. Oikonomia, II Casamentos mistos*, in *Estudos I – cânone pastoral, litúrgico e vários* (em grego), Tessalônica, 1993, p.244. É um conceito teológico exclusivo da Igreja Ortodoxa.
- <sup>29</sup> B. Archondonis (Ecumenical Patriarch), *The problem of oikonomia today*, in *Kanon, Jahrbuch der Gesellschaft für das Recht der Ostkirchen* (*Yearbook of the Society for the law of the Eastern Churches*) Vienna, 1987, p. 42.
- <sup>30</sup> *Ibid.*, p.40.
- <sup>31</sup> P. Rodopoulos (Metropolitan), *Oikonomia nach orthodoxen Kirchenrecht*, em *Studies I* (em grego), Thessaloniki, 1993, p. 231.
- <sup>32</sup> P. Trembelas, *Dogmatique de l'Eglise orthodoxe catholique* (*Dogmatics of the catholic orthodox Church*, part III), deel III, Chevetogne 1968, p. 61.
- <sup>33</sup> Ign. Peckstadt, *Het orthodox huwelijk in Een open venster op de Orthodoxe Kerk*, Averbode, 2005. Ver também: Ign. Peckstadt, *De economia in de Orthodoxe Kerk*, in *25 jaar Orthodoxe Communauté Heilige Apostel Andreas Gent* (1972-1997), Gent 1975, p. 65.
- <sup>34</sup> Meyendorff, *Marriage: an orthodox perspective*, New York, 1975, p. 65.
- <sup>35</sup> *Ibid.*, p. 54-56.
- <sup>36</sup> A. Stavropoulos, *Concerning marriage and the family*, in *Snapshots and excursions on paths of pastoral service*, parte 3, Atenas, 1985, p. 116 (em grego).
- <sup>37</sup> *Ibid.*, p. 117.
- <sup>38</sup> *Ibid.*, p.118.
- <sup>39</sup> [...]
- <sup>40</sup> Ign. Peckstadt, *Het orthodox huwelijk in Een open venster op de Orthodoxe Kerk*, Averbode, 2005.
- <sup>41</sup> P. L'Huillier (Archbishop), *Le divorce selon la théologie et le droit canonique de l'Eglise orthodoxe*, in *Messenger de l'Exarchat du Patriarcat Russe en Europe occidentale* (no 65), Paris, 1969, p. 36.